

## Falar em outras Línguas

### *INTRODUÇÃO*

No dia de Pentecostes, os discípulos ficaram cheios do Espírito Santo e este os capacitou de falarem em outras línguas — línguas, as quais nunca tinham aprendido. Podemos supor que todos os cento e vinte (At 1:15) receberam este poder. Deus, pela sua graça, estava pronto a ultrapassar os limites outrora estabelecidos mediante a confusão das línguas para represar a soberba do homem (Gn 11:1-9). Ele não aniquilou as barreiras lingüísticas — continuam até hoje — mas passou por cima deles. Ele fez os Seus servos falar nos idiomas mais diferenciados dos povos: um sinal de que a Sua mensagem havia de chegar a todos os povos e línguas da terra. Num certo sentido, este sinal de falar em outras línguas que acompanhava a descida do Espírito Santo é a revelação audível das “línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (At 2:3).

Antes de nos ocuparmos com o caráter do falar em outras línguas, vamos resumir o que achamos nos primeiros quatro versículos de Atos. Três coisas foram apresentadas nestes versículos referentes à descida do Espírito Santo:

- (1) o *tempo* → o dia de Pentecostes;
- (2) a *maneira* ou os *sinais que acompanhavam* → o som do vento, as línguas como que de fogo;
- (3) um *resultado* da Sua descida → o falar em línguas.

Lucas é o único escritor no Novo Testamento, relatando aquilo que aconteceu na noite quando o Senhor Jesus nasceu. Ele é também o único a nos comunicar o que se desenrolou naquela manhã quando o Espírito Santo foi derramado. Aquilo que ele tem a nos relatar é de sumo interesse e de mais sublime valor. Graças seja a Deus pelos relatórios, que Ele deixou transmitir por meio do “médico amado” (Cl 4:14)!

### *Sobre o “Falar em Línguas”*

#### *Atos 2, versículos 5-13*

O segundo trecho de Atos 2 é formado pelos versículos 5-13. Como nos já recordamos, nesta parte são apresentados os resultados imediatos da presença do Espírito Santo. Pelo fato que estes resultados imediatos como apresentados aqui, na sua maior parte, fazem referência ao falar dos discípulos em outras línguas, resolvi intitular este capítulo “*Sobre o Falar em Línguas*”, tendo como propósito de elucidar este assunto além daquilo que o trecho referido nos diz acerca disto.

### **O Movimento Carismático**

Muita coisa já se falou e escreveu sobre o dom de falar em outras línguas — coisas boas e ruins, corretas e erradas. Por isso há em meio da cristandade muita falta de clareza sobre este assunto e, segundo o meu pensar, se espalharam várias doutrinas e práticas insensatas.

Como o falar em línguas, conforme apresentado na Sagrada Escritura, obviamente é um milagre divino e pessoas de fora facilmente são impressionadas por ele, desde sempre exercitou um poder atraente sobre homens religiosos e sentimentais, porque já a sua tendência natural se volta para o espetacular e psíquico. É por isso, que repetidas vezes, também da parte de verdadeiros filhos de Deus, se tem afirmado que aquilo que aconteceu no início do cristianismo, também hoje em dia ainda seja a vontade de Deus para nós. Se afirma até que os cristãos, fossem eles mais cheios do Espírito, ainda fariam em outras línguas. Em muitos círculos cristãos, pois, se tem o falar em línguas como a mais elevada expressão de espiritualidade. Faltando o falar em línguas, então, segundo a sua opinião, está faltando uma parte essencial de um verdadeiro cristianismo.

Não será possível nem necessário examinar e explicar nos seus pormenores as diversas doutrinas e práticas que dizem respeito ao falar em línguas e as quais acharam os seus caminhos para dentro da cristandade. Tenho empenho que seja apresentado aquilo que a Palavra de Deus diz a este respeito para deixar ao leitor concluir o necessário com referência àquilo que lhe vem ao encontro nesta área na cristandade. Porém, não será um erro reconhecer desde já os diferentes pontos de vista: Há entre os filhos de Deus tais que rejeitam o falar em línguas em nossos dias segundo as Escrituras, e há tais que, fazendo uso da mesma Bíblia, apóiam e praticam de diversas formas não somente “novos batismos com o Espírito” e “curas”, mas também o “falar em línguas”.

Este movimento carismático (do grego: *charisma* — dom de graça) está ganhando cada vez mais terreno. Seria ele uma bênção ou um perigo? Ele guia à verdade ou ao erro? Bom, sabemos que as ditas “grandes experiências” de sempre novos batismos com o Espírito estão contrárias às Escrituras. E no que diz respeito ao falar em línguas?

Alguns verdadeiros filhos de Deus, cegados pelo movimento carismático pretendem possuir o dom de falar em línguas. Falam nas suas denominações “em línguas” — não raras vezes são várias pessoas de uma vez só fazendo isto. Na maioria dos casos, há falta de intérprete. Até que podemos ver, estas “línguas” muitas vezes são apenas gritos e berros, que, além de tudo, freqüentemente são chamadas de “línguas dos anjos”. Quando se esforçam para haver intérpretes, então, aquilo que estes proferem não pode ser verificado e geralmente é de conteúdo pobríssimo. Muitas vezes são mulheres que exercem veementemente este “dom espiritual” — para a edificação, como se diz. Outros, pois, falam de anunciar o evangelho em ligação como falar em línguas, falam de experiências profundas, de sublimes sentimentos de alegria, de esforço interior e de edificação a si mesmo. Eles falam de êxtase, de arrebatamento ao terceiro céu e até de expulso ou exorcismo do diabo e de demônios.

## **Alvo**

Com isto dei um rascunho do fundo, frente o qual nós vamos contemplar o falar em línguas. Mas não queremos contemplar e estudar o fundo, mas a verdade. Se nós abrimos o nosso coração a ela, a verdade, por si, vai separar o bom do mal, o certo do errado a fim de reconhecermos se aquilo que ouvimos realmente é a voz do Bom Pastor ou a dos estranhos. Porque é isto a nossa tarefa em dias tão maus como os nossos, da qual o Senhor não nos pode livrar: “provar se os espíritos são de Deus” (1 Jo 4:1).

Queremos, pois, com base no trecho que está perante nós e em outras passagens da Palavra de Deus, examinar principalmente **três perguntas importantes** referentes ao falar em outras línguas e ver o que a Sagrada Escritura diz a este respeito:

- (1) Qual é o **caráter** das outras línguas?
- (2) Qual era a **finalidade** destas línguas?
- (3) Podemos nós ainda **hoje** contar com este milagre? O que a Escritura diz sobre a **permanência** das línguas?

Muito dependerá da resposta a estas perguntas. Tenhamos certeza: Não podemos nos desviar de alguma parte da verdade sem sofrermos danos na nossa alma.

Ao todo, **três escritores** do Novo Testamento, e apenas estes três, falam do assunto que nos interessa neste momento: Marcos, Lucas e Paulo. Não será possível que o relato de cada um dos três nos dê resposta a cada uma das questões alistadas acima. Também podemos esperar que a luz sobre o nosso assunto aumente dependendo do decorrer dos tempos sobre os quais os escritores relatam. E de fato é assim. Marcos se refere ao falar em línguas como uma *promessa* do Senhor ressurrecto. Lucas nos relata historicamente três ocorrências que são um *cumprimento* das palavras do Senhor. E o apóstolo Paulo, tanto inspirado pelo Espírito Santo como os dois profetas neotestamentários Marcos e Lucas também, nos explica importantes *princípios* da verdade. Princípios estes que espalham bastante luz divina acerca do uso e o abuso do dom de línguas.

### **O Testemunho de Marcos**

No final do seu evangelho, Marcos nos transmite a tarefa do Senhor ressurrecto aos Seus discípulos, os apóstolos. Eles deviam ir e pregar o evangelho a toda criatura. Quem cresse e fosse batizado, seria salvo; quem não cresse, seria condenado (capítulo 16:15-16). Era esta uma tarefa muito além daquilo que lhes foi confiado durante a vida do Senhor (capítulo 3:14-15). Estariam eles aptos para tal tarefa, anda que também estariam privados da presença pessoal do seu Senhor e Mestre, ao Qual podiam se chegar em todas as suas dificuldades, com seus fracassos e falhas?

## *Cinco Sinais de Poder Divino*

Como querendo dissipar todos estes temores e encorajá-los a executar esta Sua tarefa tão abrangente mesmo na Sua ausência, o Senhor acrescenta:

*“E estes sinais seguirão aos que crerem:*

- (1) em meu nome, expulsarão demônios;*
- (2) falarão novas línguas;*
- (3) pegarão em serpentes;*
- (4) e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum;*
- (5) e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão” (Mc 16:17-18).*

São ao todo *cinco sinais* de poder divino para acompanhar a pregação dos apóstolos e para seguir aqueles que creriam por meio da sua palavra. Quando o Senhor, no início do seu ministério terrestre, os enviara para pregar, também lhes tinha dado poder para curar doenças e expulsar demônios (capítulo 3:15). Agora porém, na qualidade de ressurrecto, lhes dá três sinais suplementares ligado ao seu ministério apostólico: o falar em novas línguas, poder sobre serpentes (compare Is 11:8) e imunidade a venenos. Como era oportuna e apropriada a concessão de tais dons de poder a homens que teriam que exercer um ministério mundial! Futuramente, os redimidos de Deus haviam de proceder de "toda tribo, e *língua*, e povo, e nação" (Ap 5:9). Como, então, era conveniente em especial o sinal de falarem novas línguas!

## *Confirmação da Palavra*

O que, pois, podemos aprender sobre o dom das línguas a partir deste breve relato de Marcos? Ficamos sabendo, que o falar em novas línguas era um dos cinco sinais ou dons especiais dado, pelo Senhor, aos apóstolos e aos que lhes creriam e os seguiriam imediatamente, para confirmar e legalizar a mensagem anunciada por eles como procedente de Deus.

O evangelho da salvação, baseado num Cristo crucificado, ressurrecto e ascendido ao céu, era algo completamente **nova** sobre a terra. Agradou a Deus **confirmar** o anúncio do Seu Evangelho mediante sinais exteriores de poder. Os ouvintes da mensagem apostólica, portanto, não podiam desculpar a sua incredulidade a recusa da mensagem em nada. Deus não apenas lhes mandou uma boa mensagem, mas também a confirmou e legalizou por meio de sinais e milagres poderosos. Pois, isto é um pensamento de suma importância quando se trata do falar em línguas e vamos retomá-lo mais adiante.

O processo de **confirmação por meio de milagres** em si é nada novo. Quando Moisés foi enviado da parte do SENHOR aos filhos de Israel e duvidava, se cressem nele ouvissem a sua voz, o SENHOR lhe concedeu três sinais a serem usados como legitimação perante o povo: A sua vara se tornou em serpente, a sua mão ficou leprosa e a água do Nilo virou sangue no seco (Êx 4). Estes sinais eram próprios para acabar com qualquer motivo de incredulidade da parte do povo de Israel.

Quando o Senhor Jesus iniciou o Seu ministério público e anunciou o reino dos céus como não sendo deste mundo, ele fazia sinais e milagres para confirmar a Palavra. Aquilo que os homens ouviram, fora sublinhado pelo que viram. Sabemos o que

aconteceu quando João Batista chegou a duvidar do fato Jesus realmente ser o Messias ou se deveriam esperar por outro. Era esta a resposta do Senhor para ele: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim” (Mt 11:4-6). Os sinais que operou, O identificaram como Aquele que realmente era — o Ungido do SENHOR.

Da mesma forma, nós achamos os sinais seguindo os servos do Senhor depois de Pentecostes, confirmando o seu ministério como procedente de Deus. Se trata de um princípio divino e, mais acima, já aponte para o fato que Deus *confirma aquilo que é novo mediante sinais exteriores*. O último versículo do Evangelho segundo Marcos mostra isto sem deixar dúvida alguma. Depois de ter apresentado no versículo anterior a ascensão do Senhor e o Seu assentar-Se à destra de Deus, Marcos finaliza seu relato com as palavras:

*“E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém!”*

Encontramos o mesmo pensamento em Hebreus 2:

*“Como esperamos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos, depois confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade” (versículos 3-4).*

Os sinais e milagres, entre quais o falar em línguas tinha o seu determinado lugar, confirmavam, pois, a pregação daquilo que era novo e tomaram do ouvinte qualquer pretexto para sua incredulidade.

Temos que levar sempre em conta também o fato de não somente ser nova a mensagem da graça de Deus em Cristo Jesus, mas que ainda havia sido escrito nenhuma letra do Novo Testamento. É por isso que Deus confirmou a Sua Palavra, falado apenas oralmente, embora nos tempos do início tudo se baseasse nela, pelos sinais que se seguiam. Se algo não era coerente com a Sua Palavra, se algo não era a doutrina ou de Cristo, então não havia condição para tais sinais. Deus nunca confirmará aquilo que é errado. Se, pois, encontramos com filhos de Deus ou com tais que confessam sê-los evidente desobediência e ao mesmo tempo exigindo para si de possuir poderosos dons espirituais, então podemos tranqüilamente pôr um grande ponto de interrogação atrás de tudo. Não raras vezes, *uma única* mentira revela todo o sistema sendo falso (1 Jo 2:27).

### *Conclusões de Marcos 16*

Se retornarmos às perguntas levantadas no início, parece a primeira vista que não podemos extrair nada sobre o **caráter** das novas línguas do pequeno relato de Marcos. Mas este parecer é um pouco enganoso, pois as palavras do Senhor Jesus esclarecem bem uma coisa: As línguas são um *signal*. Um sinal não significa um milagre em geral, mas um milagre por meio do qual Deus quer mostrar algo especial e tem, inerente, um significado moral ou espiritual. As novas línguas, pois, são um *signal*; para quê e para quem ainda não se diz neste trecho.

Também o adjetivo acompanhando o termo “línguas”, *novas* línguas, não é sem significado. A língua grega conhece principalmente duas palavras para dar a idéia de *novos*. A palavra grega empregada aqui, *kainós*, não descreve algo novo no sentido temporário, mas algo não comum, estranho, algo novo no seu caráter. As *novas* línguas de Marcos 16 são as *outras* línguas de Atos 2. Obviamente, não eram novas para os ouvintes como vamos verificar ainda, mas, sim, para os oradores: Eram diferentes daquelas que costumavam usar.

A segunda pergunta referente à **finalidade** do falar em línguas encontrou uma resposta parcial, mas importante — é a *confirmação daquilo que era novo*. Novo não era somente o próprio Evangelho da graça de Deus, mas também que este se dirigiu a todos os povos e línguas e nações.

Quando se trata da terceira pergunta acerca do **permanecer** do falar em línguas, não encontramos nem o mínimo indício que este dom permanecesse juntamente com os demais sinais após da época dos apóstolos e da seguinte geração na fé ou mesmo até ao término da presente dispensação da graça ou que acompanhasse a pregação do Evangelho. Bem ao contrário, só se faz menção explícita da tarefa dos apóstolos e se evita qualquer indicação a um permanecer dos sinais. Isto se torna mais importante, levando em consideração que quando se trata da tarefa distinta do Senhor aos Seus discípulos no final do Evangelho de Mateus a Sua presença “até a consumação do século” é assegurada. Mateus, porém, de maneira nenhuma faz menção de tais sinais. Em Marcos, que os menciona, está faltando qualquer indicação temporária. Não deveria ser isto razão para meditarmos um pouco?

Mesmo assim, há defensores do falar em línguas, aos quais estes indícios não bastam. Argumentam que se pode supor a permanência do dom de falar em línguas, porque não é explicitamente limitado. Argumentos desse tipo, portanto, são autodestrutivos. Se o fala em línguas permanecesse, então temos que supor da mesma forma que os outros quatro sinais igualmente perdurariam. Isto significa, que aqueles que exigem para si falarem em línguas, deveriam revelar os outros dons maravilhosos também. Expulsam demônios? Pegam, por exemplo, sem se danificarem, em serpentes e bebem coisa mortífera? O Senhor tinha mencionado estes sinais também como seguindo aqueles que creram. Notável que se ouve falar quase sempre apenas do falar em línguas! Se uma coisa permanece, os outros têm que permanecer também. Onde, então, são os outros sinais?

### **O Testemunho de Lucas ✦ Jerusalém**

O escritor santo, Lucas, relata três ocasiões quando se falava em línguas. A primeira aconteceu na manhã do dia de Pentecostes em Jerusalém. Escutemos o seu relato disto:

*“E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos estes homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia,*

*e Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto” (versículos 5-13).*

## *Dois Grupos de Judeus*

Naqueles dias, por ocasião da grande festa, judeus dos mais diversos países da terra estavam em Jerusalém. Alguns vieram do distante nordeste — da Pártia, Média, Pérsia, Mesopotâmia. Também do sul, de Egito, Líbia e Cirene, homens judeus estavam presentes. Até mesmo da capital do Reino mundial romano, muitos judeus haviam vindo para Jerusalém — até das ilhas mediterrâneas como Creta — e também da Árabia, situada ao sueste. Quinze regiões distantes são alistadas.

É este o primeiro grande grupo de judeus com o qual temos que lidar. O segundo grupo era o de judeus nativos, residentes em Judéia. Parece que todos estes, chamada a atenção deles mediante o grandioso ruído, se dirigiam à casa onde os discípulos estavam reunidos. Chegados ali, ouviram os cento e vinte (os quais obviamente tinham deixado a casa e entrado nas ruas e átrios do templo) falar em seus próprios idiomas, em seus dialetos maternos.

Não temos de imaginar uma mistura confusa, não devemos pensar que todos os diversos dialetos se falava no mesmo lugar da maneira que um não entendia direito o outro. Deus não é um Deus de confusão, e havia lugar suficiente nos edifícios do templo e nas ruas circunvizinhas para os cento e vinte discípulos se espalharem ali para testemunhar das grandezas de Deus.

Os discípulos falavam em, ao menos, quinze idiomas. Digo “ao menos”, porque a descrição de algumas regiões é muito geral (p. ex. “partes da Líbia, junto a Cirene”) e nos países grandes como Mesopotâmia e Egito com certeza se falava vários dialetos.

## *As Reações dos Judeus*

As **reações** da multidão frente ao grande milagre variavam de pasmo até espanto e escárnio. São estas reações que esclaream a divisão em duas partes no que diz respeito à composição da multidão judaica. Aqueles judeus, vindo de longe de países estrangeiros, também chamados de “varões religiosos” (ou “varões tementes a Deus”) estavam *confusos*, porque ouviram cada um deles os ouvia falar na sua própria língua (versículo 6). Em seguida, *pasmavam e se maravilhavam* acerca do fato que aqueles que ouviam falar nas suas próprias línguas, eram nativos da Galiléia (versículo 7). E, finalmente, *se maravilhavam e estavam suspensos*, porque não podiam entender o significado de tudo isto (versículo 12).

Em contraste, o outro grupo, o dos judeus nativos, mostrava uma reação diferente: “Zombando, diziam: Estão cheios de mosto” (versículo 13). Qual é a razão destas reações diferentes? Temos que procurar a resposta não apenas num estado espiritual melhor ou pior, mas num processo muito natural: O primeiro grupo entendia o que falavam e o segundo não. Os judeus vindo de países estrangeiros, ouviam as suas próprias línguas e podiam entender aquilo que foi falado. Eles não tiveram razão para pensar que os oradores estavam “cheios de mosto”.

Porém, para os judeus residentes no país, as línguas que ouviam eram totalmente estranhas. Sabiam mais ou menos o grego, embora a sua língua materna fosse o

armaico. Os dialetos estranhos, porém, não entendiam. Por isso estavam mais no perigo pensarem que os discípulos do Senhor fossem bebados.

### *Línguas dos Homens*

Pois bem, tudo isto tem algum significado referente ao nosso assunto neste trecho e se revelam alguns detalhes importantes deste relato histórico que merecem a nossa atenção.

Pois, primeiro ficamos sabendo que as “novas línguas” mencionadas pelo Senhor em Marcos 16, eram **línguas dos homens**, idiomas ou dialetos falados e entendidos pelos homens que viviam naquela época. Não se tratava de gritos mal articulados e histéricos, mas de línguas existentes. Os discípulos nunca as haviam aprendido; nisto consistia o milagre. Era uma milagre do falar e não do ouvir. Eles

“começaram a *falar* noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que *falasse*” (versículo 4).

“...todos os temos ouvido em nossas próprias línguas *falar* das grandezas de Deus” (versículo 11).

No que diz respeito às línguas que falaram, eram línguas humanas e bem normais — não línguas místicas como por exemplo “línguas dos anjos”.

### *Sinais — de quê? Para quem?*

Marcos 16 nos mostrou que as línguas eram um “sinal”. Neste trecho, aprendemos **de** **quê** eram sinal e **para quem**. Eram um sinal de que

- (1) Deus, o Espírito Santo, foi derramado sobre os discípulos crentes no Senhor Jesus e
- (2) que Deus estava pronto a deixar anunciar o evangelho da graça a todas as línguas e povos da terra.

Já temos aprendido bastante acerca do **caráter** das línguas, nas quais os discípulos falaram no dia de Pentecostes. Mas, para *quem*, afinal, era o sinal? Para os *judeus*, e para ninguém outro mais. Não se tratava de um sinal para o mundo descrente pagão, mas para o povo dos judeus que devia estar familiarizado com os oráculos do Velho Testamento. Eles deviam saber da profecia do profeta Joel sobre o derramamento do Espírito de Deus. Logo em seguida, Pedro aponta para isto na sua pregação.

### *As Grandezas de Deus*

Não acredito, pois, continuando meditar sobre a **finalidade** do falar em línguas, que naquela ocasião se pregava, nas suas próprias línguas, o Evangelho aos judeus — seja aos que vieram de longe ou aos que eram residentes nopaís. O texto não o afirma. Antes pelo contrário se lê: “temoso ouvido...falar das grandezas de Deus”. Se tratava de louvor a Deus por causa das Suas grandezas e não tanto de um anúncio. Por isso é que me parece não muito correto afirmarmos que os discípulos anunciaram *à multidão* ou

falaram *a eles*. É fato, que a multidão apenas os *ouvia falar* (versículos 6 e 11). Não diz nada de uma palestra neste momento.

Mais tarde, sim, Pedro se dirigia a eles e lhes anunciava o Evangelho. Isto, porém, não acontecia em outra língua. Afinal das contas, também, por quê? Todos eles entendiam o aramaico e foi nesta sua língua materna que eles lhes anunciava o Evangelho. Três mil pessoas se convertiam na ocasião — por meio do anúncio do Evangelho e não pelo falar em línguas na manhã daquele mesmo dia.

Quando, mais tarde, Barnabé e Paulo estavam na Licaônia (Atos 14), obviamente não entendiam licaônico. Segundo a opinião de muitos hoje em dia, isto era uma ocasião para anunciar o Evangelho em línguas e falar em licaônico às pessoas. Nada disto! As pessoas na sua totalidade entendiam o grego, e os apóstolos fizeram uso deste idioma. Não! Nem aqui, nem em outro lugar qualquer, nós temos uma indicação para que o falar em línguas fosse usado para a pregação do Evangelho ou que alguém fosse salvo por este meio.

### *Uma nova Época*

Parece, pois, que a finalidade do falar em línguas estranhas era dupla. Primeiro, servia para chamar a **atenção** dos judeus e levá-los a fazer perguntas. Segundo, eles deviam ser preparados para o início de uma **nova situação**: Deus daqui em diante havia de ser louvado e glorificado não somente na “língua santa”, no hebraico, mas também nas línguas das nações.

Era algo completamente inconcebível para a mente judaica. Para nós, é difícil imaginarmos isto. A visão do lençol, porém, com os vários reptéis e o triplo chamado da voz do céu a Pedro “Mata e come!” (At 10:11 a seguir) nos mostra uma vez mais quanto era difícil para um judeu piedoso entender que Deus Se voltava para as nações: “De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda” (versículo 14). Guiado e dirigido pelo Espírito de Deus, o apóstolo Pedro chegou ao ponto de dizer: “Deus mostrou-me que a nenhum homem chama comum ou imundo” (versículo 28), e um pouco adiante: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo” (versículos 34-35). Além do mais, tudo isto nos mostra também que os próprios apóstolos ainda não haviam entendido o significado destes sinais naquele dia de Pentecostes, embora fossem os instrumentos usados por Deus.

O que podemos aprender de Atos 2 referente à **permanência** do falar em línguas? O relato de Lucas contém por acaso um indício que este dom se estenderia aos dias mais futuros? Nem o mínimo! De certo, nenhum crente tem dúvidas da *possibilidade* disto, porque com Deus todas as coisas são possíveis. Porém, não temos que examinar aquilo que Deus *pode*, mas devemos nos perguntar se Ele *quer* fazer alguma coisa em acordo com a revelação dos Seus caminhos. Não há nada neste realto indicando esta direção.

Antes de mais nada, as línguas caracterizavam, juntamente com outros sinais, o início de uma **nova dispensação**, que se encontrava em forte contraste com tudo aquilo que existia até então. Cristo glorificado no céu lá no alto e o Espírito Santo como pessoa nesta Terra, graça no lugar da lei, justiça pela fé ao invés de uma justiça baseada em obras, a salvação de Deus para todas as nações até aos confins da terra — tudo isto

caracterizava esta dispensação nova e era isto que os *judeus*, para os quais eram estes sinais, haviam de aprender.

## O Testemunho de Lucas ✱ Cesaréia

O segundo acontecimento acompanhado do falar em línguas em Atos do Apóstolos, se realizava em Cesaréia. Lucas relata disso no capítulo 10. Havia acontecido algo inconcebível a ouvidos e corações judaicos. Instruído por Deus, Pedro havia chegado à casa do centurião pagão Cornélio e anunciara aos ali reunidos o Evangelho. Até aquele momento, o Evangelho havia sido anunciado somente aos judeus e samaritanos (capítulo 8), àqueles, pois, em meio dos quais o próprio Senhor Jesus também havia trabalhado. Ali então o caso era completamente diferente.

Cornélio era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa. Ele era nascido de novo, sem dúvida alguma; porque as suas orações e esmolas tinham subido para memória perante Deus — fato do qual um anjo de Deus explicitamente deu testemunho (versículos 1-4). Mas ele sabia — e era justamente isto que fazia parte da sua piedade —, que “a palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo” (versículo 36) não servia para ele. Era um pagão e pertencia, oficialmente visto, ao povo romano, era até um oficial do poder vitorioso que vencera o povo outrora de Deus e ainda o pressionava. Deus, porém, via os exercícios do coração deste homem e de toda a sua casa e lhes enviava Pedro para lhes trazer o conhecimento do perdão dos pecados pela fé em Jesus Cristo (versículo 34-43).

### *Um Passo Significante*

Este passo, Pedro deu, sem dúvida, e hoje o sabemos, por iniciativa de Deus e em confirmidade com a Sua vontade. Os mensageiros do Senhor já tinham hesitado mais do que o necessário para executar a sua tarefa (capítulo 1:8) — levar o Evangelho para além dos limites de Israel e anunciá-lo àqueles que estavam em trevas.

Antes de acontecer isto, Pedro havia de executar uma missão toda especial. O Senhor Jesus lhe tinha confiado as chaves do reino dos céus (Mt 16:19): No seu devido tempo, ele tinha que deixar entrar os crentes de entre os judeus, samaritanos e nações neste reino. Com referência aos primeiros dois grupos, isto já tinha acontecido (capítulo 2 e 8). Agora, precisamos ir adiante dos acontecimentos na sua seqüência. Pela primeira vez na história da terra, pactues ouviam o Evangelho pregado por um homem judeu, pelo apóstolo da circuncisão. Digo “pela primeira vez”, porque o caso do eunuco da Etiópia tinha sido um caso especial e não tem nada haver com o abrir do reino dos céus por Pedro. Além do mais, podemos supor que o eunuco era um prosélito, isto é um pagão recebido na comunidade religiosa de Israel.

Este ato da parte de Pedro era de suma importância na história da Igreja nesta terra. Forçosamente, levantamos a pergunta: **Este passo foi operado por Deus?**

### *A Aceitação dos Crentes de entre os Pagãos*

Hoje nós sabemos, repito mais uma vez, que era assim. Porém, os judeus naqueles dias, os crentes de entre os judeus, como será que eles aceitariam o fato que não se fazia mais

diferença entre eles e os gregos. Como aceitariam que nas suas reuniões de repente estariam romanos convertidos ao lado deles, dos judeus convertidos? Poderia isto vir de Deus?

Havia, pois, uma necessidade absoluta: O anúncio do Evangelho às nações por meio de Pedro tinha que ser confirmado e autenticado pelo próprio Deus de uma maneira óbvio e incontestável para esclarecer esta questão de uma vez por todas. Tinha que ser confirmado mediante um testemunho adequado que da mesma maneira como os judeus crentes foram aceitos como confessores de Cristo, Cornélio com a sua casa e os seus amigos também o foi.

Pois bem, esta confirmação foi concedida em Cesaréia. Escutemos a testemunho de Lucas em Atos 10:

*“E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus. Respondeu então Pedro: Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam como nós o Espírito Santo? E mandou que fossem batizados em nome do Senhor” (versículos 44-48).*

Qual foi, então, a **finalidade** do falar em línguas da parte dos crentes de entre as nações? Os judeus, os “fiéis (ou crentes) da circuncisão” deviam reconhecer sem sombra de dúvida, que os crentes das nações foram aceitos por Deus e tinham recebido o Espírito Santo como eles próprios.

O receber e o possuir do Espírito Santo são, em si, coisas invisíveis não perceptíveis para os sentidos. Naqueles dias, pois, era muito importante *que* os judeus crentes *pudessem perceber* a presença do Espírito Santo naqueles de entre as nações. Isto, porque já o capítulo seguinte nos mostra a oposição dos da circuncisão. Eles disputavam com Pedro e diziam: “Entraste em casa de varões incircuncisos, e comeste com eles” (capítulo 11:1-3). Mas o apóstolo responde, esclarecendo que lá em Cesaréia atuara sob a direção imediata do Espírito Santo e finaliza com as palavras significantes:

*“E, quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio. E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água: mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?” (capítulo 11:15-17).*

### *Uma Prova Importante*

O derramamento do Espírito Santo sobre os crentes em Cesaréia era a prova inabalável que a aceitação daqueles de entre as nações estava correto. Mas era só possível *reconhecer* isto pelo fato de os escutarem falar em línguas e magnificar a Deus. Embora Pedro não falasse do sinal, mas reconhecerem os fatos — a vinda do Espírito Santo — por meio disto.

Mais uma vez o acontecimento de Cesaréia é mencionado em Atos 15. Ocasão em qual os apóstolos e anciãos em Jerusalém haviam de esclarecer a pergunta básica como deveria se tratar os crentes de entre as nações. Depois de grande disputa, Pedro relembra o acontecido em Cesaréia, dizendo:

*“Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé” (capítulo 15:7-9).*

Mais uma vez é apontado ao dom do Espírito Santo como um penhor para provar que os cristãos judeus atuaram corretos quando receberam os seus irmãos de entre as nações. O sinal para tal tinha sido o falar em línguas. Com a ajuda deste sinal, Pedro e os da circuncisão podiam na hora reconhecer o que tinha acontecido: O Espírito Santo tinha caído sobre eles.

Além do mais, é muito interessante ver que este um acontecimento do dom do Espírito Santo em Cesaréia é repetido não menos que cinco vezes, mudando apenas levemente as expressões descritivas: Nenhuma vez, porém, se fala em ligação com isto do *batismo com o Espírito Santo*.

- (1) “...caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra” (capítulo 10:44).
- (2) “E, quando comecei a falar, *caiu* sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio” (capítulo 11:15).
- (3) “E os fiéis que eram da circuncisão ... maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo *se derramasse* também sobre os gentios” (capítulo 10:45).
- (4) “... que também *receberam* como nós o Espírito Santo?” (capítulo 10:47).
- (5) E Deus ... lhes deu testemunho, *dando-lhes* o Espírito Santo, assim como também a nós” (capítulo 15:8).

*Cair, derramar, receber, dar* — são estas as expressões usadas na Palavra de Deus, mas nunca *batizar*. Mas, alguém talvez diga, Pedro fala do batismo com o Espírito Santo (capítulo 11:16). Sim, ele o faz, mas não diz que os crentes em Cesaréia tivessem sido batizado com o Espírito Santo, mas afirma apenas que ele foi lembrado da palavra do Senhor, quando Ele falava antes da Sua ascensão do batismo com o Espírito Santo.

Gostaria ainda de apontar para a ligação que também nesta ocasião se manifesta entre o falar em línguas e o louvor a Deus: “Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus” (capítulo 10:46). Não se ouve de falar de anúncio qualquer ligado ao falar em línguas, mas novamente do louvor a Deus. Parece, que as duas passagens sublinham o fato que o falar em línguas se dirige em primeiro lugar a Deus. O testemunho, o sinal como tal, portanto, era para os homens, melhor dito: para os judeus.

Nada daquilo que acontecia em Cesaréia, alude para um perdurar do dom das línguas — tampouco como aquilo que tinha acontecido em Jerusalém. Em Jerusalém, este sinal confirmava que o Espírito Santo havia vindo como pessoa para esta terra; e em Cesaréia, o mesmo sinal confirmava que o Espírito Santo também tinha sido dado às crentes das nações. Ambos os casos eram de significado inédito e não havia

possibilidade de serem repetidos nesta mesma forma. Não há necessidade nem de confirmar sempre de novo a vinda do Espírito Santo nem o fato que Deus também concedeu aos crentes das nações o acesso à Igreja. Tão sem igual eram estes casos, tão únicos também eram os sinais acompanhantes.

De fato, em Atos achamos apenas mais um acontecimento, quando se falava em línguas. Vamos considerá-lo rapidamente.

### **O Testemunho de Lucas ✧ Éfeso**

Não é de pouca importância aquilo que aconteceu em Éfeso, porque ali não foi atigido o ministério de Pedro, mas sim o de Paulo. Paulo encontrara alguns discípulos de João Batista em Éfeso e se deu conta que eles ainda não se encontravam na verdadeira posição cristã; pois os perguntou:

*Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes então: Em que sois batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas, e profetizavam. E estes eram, ao todo, uns doze varões” (capítulo 19:2-7).*

### *Os Discípulos de João Batista*

Este grupo de crentes estava numa situação singular. Não pertenciam nem aos judeus crentes no Senhor Jesus nem aos crentes pagãos, mas ainda estavam sob fundamento de João Batista. Sem dúvida haviam estado na sua pátria, quando, no deserto de Judéia, João Batista chamava os judeus ao arrependimento e anunciava o reino dos céus chegado. Tinham crido na sua anunciação e ele os batizou com o batismo do arrependimento depois que eles haviam confessado os seus pecados.

Uns vinte anos mais tarde, quando Paulo os encontrou, ainda se encontravam sob a mesma condição e esperavam a vinda do Messias e o Seu reino. Nem conheciam ao Senhor Jesus nem a Sua obra completa coroada pela descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Então, Paulo lhes falava do Senhor Jesus para Quem o seu mestre apontara. Com certeza, Paulo o fazia na plenitude da verdade cristã que lhe foi confiada na condição de “ministro da Igreja” (veja Cl 1:24-25). Os homens creram naquilo que Paulo falava e demonstraram a sinceridade da sua confissão pelo fato de serem batizados em nome do Senhor Jesus.

Mas como devia proceder com eles? Até então, como grupo, estavam separados tanto dos judeus como também dos pagãos. Deviam ser admitidos aos privilégios da Igreja de Deus sobre a terra, privilégios nos quais os crentes dos judeus e os crentes das nações haviam sido introduzidos? Era esta a questão a tratar ali em Éfeso.

Ela encontrou a sua resposta imediata pelo fato que Deus lhes deu — por intermédio da imposição de mãos da parte de Paulo — o Espírito Santo e assim os fez membros do corpo de Cristo. E outra vez temos o sinal externo da parte de Deus que confirmava este

fato: Falaram línguas e profetizaram. Notamos bem que aqui o milagre das línguas é ligado à profecia, à edificação. O sinal em si acontece outra vez em ligação aos judeus; se tratava de doze varões judeus que falaram línguas.

O Espírito Santo não descia sobre eles enquanto creram num Cristo que havia de vir. Somente quando creram nAquele que havia vindo e cumprido a obra da redenção, o Espírito Santo veio sobre eles como antes tinha vindo sobre os seus irmãos segundo a carne.

### *O Início da Igreja em Éfeso*

Estes doze homens, outrora discípulos de João Batista, se tornaram, pela graça de Deus, o ponto inicial, o “núcleo” da Igreja de Deus naquela cidade grande. Durante três anos, Paulo trabalhava ali “de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos” (versículo 10). Quão importante era, pois, que o “núcleo” da igreja ali recebeu o mesmo selo de aceitação e o mesmo sinal de confirmação da mesma como os crentes em Jerusalém e Cesaréia!

Porém, também este caso do falar em outras línguas é de caráter único. Não é possível deduzir dele a permanência deste sinal para dias mais tardes ou até mesmo ao final da época da graça. Os três casos, Jerusalém, Cesaréia e Éfeso, têm algo em comum: Deus confirmava aquilo que de uma ou outra maneira era novidade pelo sinal das línguas. Em Jerusalém, a novidade era a vinda do Espírito Santo sobre a terra para fazer morada nos crentes e desta maneira formar a Igreja de Deus. Em Cesaréia er novo o fato que crentes de entre as nações receberam igualmente o Espírito e assim foram acrescentados à Igreja. O mesmo é fato quanto ao grupo especial daqueles que outrora eram discípulos de João Batista.

### **Resumo**

Vamos fazer um breve resumo considerando aquilo que encontramos nos testemunhos de Marcos e Lucas referente às três perguntas iniciais!

O **caráter** das línguas: Eram línguas (idiomas) humanas realmente existentes e entendidas por aqueles que as dominavam. Os oradores, porém, nunca as tinham “aprendido”; para eles eram “novas”. Se tratava de um milagre do falar e não do ouvir. Este milagre portava o caráter de um sinal, tendo inerente um significado espiritual, pelo qual havia de ser expressado alguma coisa.

A **finalidade** das línguas: Faziam parte de alguns outros dons milagrosos, pelos quais o Senhor confirmava inicialmente a Palavra, que havia de ser levada para além dos termos de Israel. Especialmente era um sinal exteriormente notável do recebimento do Espírito Santo — porém um sinal sempre dirigido aos judeus. Por meio disso, o início de uma nova época lhes foi testemunhado ou seja que novas etapas desta nova época se iniciaram.

A **permanência** das línguas: Ela não encontra apoio em nenhum dos trechos contemplados. Sem exceção se trata de acontecimentos de caráter único, de casos iniciando coisas novas em seus princípios. Depois do novo ter se iniciado, depois dos

cristãos serem confirmados no seu caráter mundial, não achamos mais nada deste sinal no livro de Atos dos Apóstolos. Quando a necessidade de dons sobrenaturais desapareceram, os próprios milagres também desapareciam no Novo Testamento.

## O Testemunho de Paulo

Tratar da questão das línguas seria, sem dúvida, incompleto sem tirar proveito também daquilo que Deus confiou ao apóstolo Paulo acerca deste assunto. Repetidas vezes, o apóstolo faz menção das línguas na sua primeira epístola aos Coríntios, capítulos 12-14. Por isso gostaria de resumir, de forma breve, aquilo que o apóstolo diz nestes capítulos sobre o falar em línguas levando em conta os três pontos de vista, que também nas exposições anteriores têm servido de referência, a saber: O que diz o apóstolo Paulo sobre o **caráter**, a **finalidade** e a **permanência** desse dom?

Em primeiro plano, pois, apontemos para uma circunstância que facilmente se perde de vista: Embora seja ricamente presenteado com dons espirituais, pessoalmente pode se encontrar num estado de baixo nível espiritual. É o que o exemplo dos coríntios nos ensina.

### *Dotados, porém Carnais*

Os coríntios foram em tudo enriquecidos em Cristo, em toda a palavra e em todo o conhecimento, de maneira que nenhum dom lhes faltou (capítulo 1:4-7). Mesmo assim foram carnis: “Pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?” (capítulo 3:3). Não estavam *na carne* — nenhum verdadeiro cristão está neste estado, antes está *em Cristo* —, mas foram *carnis*, agiram segundo o caráter da carne. Resumimos mais uma vez: Pode-se possuir grandes dons espirituais de Deus e mesmo assim ser carnal. Apenas possuir um dom, não constitui um cristão espiritual. Temos que colocar isto sempre de novo perante os nossos olhos, porque temos a inclinação de sobre-valorizar o desenvolvimento de um certo dom.

De fato, a igreja em Corinto possuía todos os dons espirituais. De nenhuma outra assembléia se ouve tal coisa. Porém a sua mente carnal se manifestou pelo fato deles gostarem especialmente daqueles dons espetaculares que chamavam a atenção das pessoas, como por exemplo o dom de línguas. Se alegravam em impressionar outras pessoas. Quase se ouse dizer que *brincavam* com os dons divinos como uma criança brinca com um brinquedo recém recebido.

Aquilo que Deus na sua valorização colocava em último lugar, os coríntios na sua própria avaliação puseram no primeiro. Na sua enumeração dos dons no capítulo 12, o apóstolo disse: “E a uns pôs Deus na igreja, *primeiramente* apóstolos, *em segundo lugar* ... *em terceiro* ... *depois* ... *depois* ... –“ (*versículos 28-30*). E bem no final mencionou o falar em línguas e a sua interpretação. Mais ainda, ele tinha mencionado a presença de *línguas* numa pergunta: “Falam *todos* diversas línguas? Interpretam *todos*?” Embora o próprio apóstolo não dê resposta, ela claramente é: “*Não!* Não são todos que falam línguas.” Este fato deveria ter feito os coríntios meditar e , ainda hoje, deveria fazer pensar todos os amados filhos de Deus que dão tanto peso ao falar em línguas.

## *Sobre o CARÁTER das Línguas*

O apóstolo não deixa dúvida que o falar em línguas — embora seja impressionante para os que são de fora — tem o lugar ínfimo entre os dons espirituais, se encontra sempre no final das enumerações (capítulo 12:10 e 28-30; 14:5). Sem interpretação não traz proveito para a igreja, porque há somente edificação — o grande alvo de Deus para a Sua Igreja! — quando se entende o que for falado (capítulo 14:5-19 e 28). Os dons superiores, porém, não eram dons milagrosos e línguas, mas apóstolos, profetas e doutores (ou mestres) dados para firmar a Igreja nas grandes verdades do Novo Testamento.

Quem falava numa língua, não falava aos homens, mas a Deus (capítulo 14:2 e 28). Já verificamos isto nos relatos históricos de Lucas (At 2 e 10) e Paulo o confirma: *O falar em línguas é uma coisa direcionada a Deus, é oração, ação de graças, louvor* (capítulo 14:14-17). É esta a característica principal desse dom. Estes versículos esclarecem também, que oração, cânticos e ações de graças operam igualmente edificação.

Empregada neste sentido, o apóstolo não tinha nada contra a execução do falar em línguas sob a condição que havia intérprete fazendo entendível aquilo que foi falado (capítulo 14:5, 13 e 39). Não havendo intérprete, o dom das línguas não devia ser usado na igreja (capítulo 14:28). O próprio apóstolo falava mais que todos eles em línguas, quer dizer que falava mistérios a Deus, orando a Ele, O louvando e Lhe agradecendo, mas não o fez na igreja. Ali, preferia falar cinco palavras com o entendimento (ou na sua própria inteligência) do que dez mil palavras em língua desconhecida (capítulo 14:29). Que exemplo digno de imitação para todos, que pensam poderem edificar a outros por meio de palavras misteriosas e ininteligíveis!

Quem falava sem intérprete numa língua, se edificava a si mesmo, porque ninguém entendia o que falava (capítulo 14:4). Porém, auto-edificação não é o pensamento e o alvo de Deus para com a Igreja — e é disto que trata 1 Coríntios 12 a 14. Deus não concede dons ao indivíduo para que se edifique a si mesmo. Por isso acredito que o versículo quatro não contém apenas uma afirmação, mas também uma certa repreensão. Estava determinado pelo caráter das línguas que eram apenas para edificação quando interpretadas.

Também na primeira epístola aos Coríntios, quando se trata das línguas, são mencionadas como idiomas normais, humanas, os quais o Espírito deu para serem pronunciados. Supor ou até afirmar que o apóstolo e talvez até outros tivessem falado “línguas dos anjos” (capítulo 13:1) é absurdo. Todas as frases iniciando-se com “ainda que (eu)”, são de natureza hipotética e significam: “suposto que eu fizesse tudo aquilo ou aquilo outro”. Paulo mesmo confessa que não conhecia “toda a ciência”, porque ele também conhecia “em parte” (versículo 9). De modo nenhum, ele distribuía toda a sua fortuna para o sustento dos pobres e não entregava o seu corpo para ser queimado. Assim também no versículo 1 se trata de uma suposição máxima de coisas imagináveis, por meio da qual ele queria provar como tudo não tem valor sem o amor ser a mola promotora. Ele não apresenta um fato que era realidade na sua vida. Por isso o verbo está no conjuntivo: “Ainda que eu *falasse...*”.

## *Sobre a FINALIDADE das Línguas*

Meio de passagem, Paulo fala sobre a finalidade das línguas. É contida nos versículos 21-25 do capítulo 14:

*“Está escrito na lei: Por gente doutras línguas, e por outros lábios falarei a este povo; ainda assim me não ouvirão, diz o Senhor. De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis (ou crentes; assim no trecho todo), mas para os infiéis (ou incrédulos; assim no trecho todo); e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis. Se pois toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem línguas estranhas, e entrarem indoutos ou infiéis, não dirão porventura que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado. Os segredos do seu coração ficarão manifestos, e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós.”*

Aprendemos aqui (versículo 22), que as línguas são um *sinal*, não para os crentes, mas para os incrédulos. A quem o apóstolo aplica o termo “incrédulo”? O citado de Isaías 28 no versículo anterior o esclarece: Trata-se de *judeus* incrédulos. A eles Deus iria falar em línguas estranhas, o profeta Isaías disse — e isto era um juízo! —, mas mesmo assim ouviriam de fato e não entenderiam, como o mesmo profeta havia predito em outro lugar (capítulo 6:9).

Por que, então, os crentes em Corinto se orgulhavam tanto deste dom, que, visto por si, era um *sinal de juízo para a nação incrédula dos judeus*? Era um sinal de juízo contanto que as línguas apontavam para o fato que Deus se desviaria deste povo como um todo para se tornar àqueles das nações. Pois bem, foi isto que verificamos anteriormente em Atos 2. Deus lhes falava por meio de outras línguas, línguas de países para onde muitos deles haviam sido espalhados pelos caminhos governamentais de Deus. Entendiam sim acusticamente, mas não de fato. A grande maioria desse povo continuava incrédula e rejeitando a Cristo. Portanto, as línguas foram lhes um sinal.

Nos versículos 23 e 24, o apóstolo faz novamente menção de *incrédulos*, mas os liga a um outro grupo, aos *indoutos*. Isto dá para entender que não está falando do grupo dos “*incrédulos*” em geral como no versículo 22, mas de incrédulos quaisquer de fala grega (“e entrarem indoutos ou infiéis”) que entrassem no meio deles e os teriam por “loucos”, se todos falassem em línguas. Por que “loucos”? Porque, ao contrário dos judeus incrédulos da dispersão, não entenderiam a língua.

Que o apóstolo fala de judeus incrédulos no versículo 22 e de gregos incrédulos nos versículos 23 e 24, é justificado também pelo fato que no primeiro caso pôs o artigo perante “*incrédulos*” (“*os* *incrédulos*”), e o deixa fora no segundo caso. Se ele quisesse apenas caracterizar como incrédulos homens quaisquer, necessariamente o artigo havia de faltar no texto grego. Mas pelo fato dele usá-lo, está determinando um grupo específico de incrédulos — os judeus. Repetimos mais uma vez este ponto tão significativo: As línguas não foram dadas como um testemunho para os crentes, mas, sim como um sinal para o povo judeu incrédulo. Uma vez compreendido o seu significado básico, é evidente que este sinal não permaneceria por muito tempo.

## *Sobre a PERMANÊNCIA das Línguas*

No capítulo 13 notamos uma coisa especial que nos dá certa luz sobre a questão que nos ocupa agora: a permanência das línguas. O apóstolo falara do amor que “nunca falha”. Porém, em seguida, ele faz menção de coisas que não estariam existentes para sempre:

*“...mas havendo profecias, **serão aniquiladas**;  
havendo línguas, **cessarão**;  
havendo ciência, **desaparecerá (ou será aniquilada)**” (versículo 8).*

Note-se a mudança na expressão de *ser aniquilado* para *cessar* e de novo voltando para *ser aniquilado*. Por que o apóstolo usa essas expressões diferentes? Nada na Sagrada Escritura é por acaso ou sem significado.

Quando vier o que é perfeito, isto é, quando o Senhor Jesus nos arrebatara para estarmos com Ele na Sua glória, então não precisaremos mais de profecias. Nos céus, não se ouvirá mais a voz de profeta nenhum. Também a forma de ciência ou conhecimento da maneira como a temos agora, em parte, será aniquilada. É notável, que no versículo 10 é empregada mais uma vez esta expressão “ser aniquilado”:

*“Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte **será aniquilado**.”*

O Senhor nos guiará à ciência perfeita, ao pleno conhecimento, ao conhecimento de uma forma absoluta. É uma bênção sem medida!

Mas no que diz respeito às línguas, o apóstolo afirma delas que *cessarão*. A forma do verbo em grego significa “cessar de por si”. Como um pequeno arroio esgota-se em terra seca, assim também as línguas, pouco a pouco, cessarão. Não é isto que verificamos em Atos dos Apóstolos e que vemos também no decorrer do Novo Testamento? Não há lugar nenhum mais onde se fala das línguas: Perderam a sua importância. O testemunho já foi dado aos judeus há muito tempo. Aquilo que era novo, já há tempo foi confirmado e neste sentido não é mais “novo” hoje em dia. Para que ainda hoje as línguas? Para anunciar o Evangelho em países estrangeiros? Na Escritura jamais serviam para esta finalidade. As línguas no seu caráter de sinal já cumpriram a sua missão. Por isso: “cessarão”, cessarão, portanto, *antes* que as profecias e a ciência serão aniquiladas.

Também é esta a razão pela qual o apóstolo às palavras do versículo 9 “porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos” não acrescenta : “e em parte falamos línguas”. As línguas cessariam antes.

## *Satanás como Anjo de Luz*

Se, pois, o falar em línguas, hoje em dia praticado por tantas pessoas, contradiz a Palavra de Deus em quase todos os pontos, não deveria se suspeitar, que então toda a coisa está errada e não genuína? O que deve se pensar sobre o fato que são muitas vezes justamente mulheres que, nas reuniões, publicamente falam em línguas ou as interpretam, ainda que o apóstolo nos deu o “mandamento do Senhor”, que elas devem ficar caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar (1 Co 14:34 e 37)? Pode ser o Espírito de Deus que as incentiva fazer algo contrário à Palavra de Deus?

Hoje em dia, fala-se muito do Espírito Santo e de ser cheio do Espírito Santo, mas muitas vezes não se pratica aquilo que o mesmo Espírito nos deixou por escrito nas Sagradas Escrituras. Isto deveria fazer pensativo qualquer leitor sincero destas linhas. Lógico que o Espírito Santo é Deus com o também o Pai e o Filho o são. Porém, na atual época da graça, ele ocupa uma posição, e o dizemos com todo temor, de “servo ou ministro”: Ele dirige a atenção dos corações sempre de novo para Cristo. Leiamos apenas o capítulo 16 do evangelho segundo João! Ali notamos isto claramente. Por isso, dando ênfase demais ao Espírito Santo, facilmente seremos levados para longe do Senhor Jesus e da Palavra de Deus.

Quando o Senhor Jesus estava nesta terra, os líderes do povo judeu cometeram um terrível pecado: Atribuíram o poder do Espírito de Deus, pelo qual Ele operava os milagres, a Belzebu, o príncipe dos demônios. Isto era “blasfêmia contra o Espírito”, um pecado pelo qual não há perdão (Mt 12:22-32). Hoje, o Espírito Santo estando sobre a terra, existe o perigo inverso: atribuir ao Espírito Santo aquilo que o poder de Satanás opera.

Nunca Satanás se torna mais perigoso do que quando vem como *anjo de luz*, tentando perverter a verdade divina por meio de imitação. “E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito pois que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça: o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Co 11:14-15). Ele não tem medo de falar coisas agradáveis aos ouvidos sobre Cristo e Seus ministros, mas o faz apenas para confundir os limites entre luz e trevas e para seduzir as pessoas ingênuas.

Encontramos um exemplo disto em Atos 16, onde uma jovem que tinha espírito de adivinhação, seguia a Paulo e aos seus colaboradores, gritando: “Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo” (versículos 16-18). Palavras aparentemente bonitas e certas, mas ela tentava se ligar aos pregadores do Evangelho. Era um espírito enganador que falava por meio dela e não o Espírito de Deus. Paulo o reconhecia e ficou “perturbado” por causa disso.

Agora, Satanás não se contentará em usar os seus espíritos enganadores apenas nas ruas. Ele tentará introduzi-los também no meio dos filhos de Deus. Se alguém falava línguas, como se podia saber e avaliar aquilo que estava expressando? Era guiado pelo Espírito Santo ou de espíritos malignos? Também por esta razão, era importante que um intérprete fazia compreensível aquilo que foi falado, e o apóstolo insistia nisto.

Não deixemo-nos enganar! Satanás ainda é capaz de pôr um *espírito de mentira* na boca dos homens, como outrora o fez nos dias de Josafate (1 Rs 22:22 e 23). Ele tinha grande êxito em agir assim! Já sempre tentou desviar as pessoas do Deus vivo para conduzi-las às vozes enganadoras daqueles “que chilreiam e murmuram” (Is 8:19).

Nunca devemos esquecer que Satanás é capaz de imitar os milagres operados por Deus. Embora sejam apenas imitações, a primeira e, também muitas vezes, ainda à segunda vista, parecem ser genuínos.

“No meio da casa de Israel” o fez mediante visões vãs, isto é visões falsos e por meio de adivinhação lisonjeira (Ez 12:24). Futuramente, o anticristo exercitará poder satânico de tal maneira que ele dará “espírito à imagem da besta” e assim a faz falar (Ap 13:15). Se Satanás fez uso de poderes sobrenaturais no passado, falando pela boca enganador de homens para, se possível, seduzir até os escolhidos, e se ele agir da mesma maneira no futuro, então podemos ter certeza que opera da mesma maneira também nos dias de hoje.

Os ministros de Satanás muitas vezes chegam na condição de ministros da justiça, mas se assemelham a lobos devoradores vestidos como ovelhas (Mt 7:15). Eles se vestem de “manto de pêlos, para mentirem” (Zc 13:4). Temos exemplos suficientes na Escritura provando que poderes espirituais e invisíveis se podem apoderar da boca das pessoas para fazê-lo proferir coisas ininteligíveis tanto para o orador como para os ouvintes. Tais poderes, geralmente, são de origem demoníaca.

Não! Para os nossos dias, a Escritura não nos oferece razão nenhuma para esperarmos sinais e milagres espetaculares operados pelo poder do Espírito de Deus. Onde se pretende ter tais coisas, elas ou são engano e absurdo ou são de origem satânica. Isto parece ser duro, mas não podemos concluir diferente baseado naquilo que a Escritura diz. Não ponho em dúvida a sinceridade de muitos sérios filhos de Deus envolvidos em movimentos onde se fala línguas. É somente Deus Quem conhece e julga os corações. Porém, estes movimentos não são de Deus. Os seus seguidores, mais cedo mais tarde, se desviarão para ainda mais longe da verdade da Escritura. Que, pela Sua graça, o Senhor nos guarde atentarmos para “espíritos enganadores, e doutrinas de demônios” (1 Tm 4:1)!

Para finalizar, ainda gostaria de mostrar um auxílio, uma característica de apreciação com base na Escritura, que nunca falhará, quando se trata de julgar se uma coisa é originada pelo Espírito de Deus ou por outros poderes do maligno. O achamos no início da primeira aos Coríntios, capítulo 12:

*“Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus, diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (versículo 3).*

O Espírito Santo fará sempre tudo que serve para glorificar ao Senhor Jesus e para Lhe dar o lugar de domínio nos corações dos Seus. Ele sempre guiará a dizer: “*Jesus é o Senhor!*” É precisamente isto que os demônios jamais farão. Tentarão de qualquer maneira dizer “*Jesus é anátema (que é maldição)*” e de desonrá-Lo. Embora digam coisas bonitas acerca dEle, nunca O reconhecerão na condição de *Senhor*.

Hoje em dia, em meio da cristandade, estamos rodeados de coisas que fazem nos arrepiar quando apenas se escuta falar delas. Mas não desanimamos! Não precisamos ficar preocupados. O nosso caminho é bem simples. Temos apenas que examinar nas coisas que vêm a nossa frente: O Senhor Jesus é glorificado por meio delas ou se coloca outra coisa no lugar dEle? Obedece-se a Sua Palavra ou se ocupa principalmente consigo mesmo, com os próprios pensamentos e experiências? Isto decide toda questão. Se for mantidos a glória da pessoa de Cristo e os Seus direitos ao domínio, se as pessoas, pela obediência, se curvam debaixo da autoridade da Sua obra e de Sua

Palavra, então podemos ter certeza: A coisa em questão é de Deus. Reconhecemos, contudo, que algo não é em conformidade com os Seus pensamentos, então distanciemo-nos de tal coisa: “Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (2 Tm 2:19)!

“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. Vigiai justamente e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus: digo-o para vergonha vossa” (1 Co 15:33-34).

Amamos nós o nosso Senhor e Remidor? Então, lembremo-nos de Suas Palavras em João 14, versículo 21:

*“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama.”*